



Breves considerações históricas, linguísticas e ambientais sobre a toponímia do Município de Quipapá - Pernambuco

Brief historical, linguistic and environmental considerations about toponymy of the municipality of Quipapá - Pernambuco

Marcos Renato Franzosi Mattos⁽¹⁾; Cláudia Csekö Nolasco de Carvalho⁽²⁾;
Antônio Benevides Soares⁽³⁾; Lucilene Simões-Mattos⁽⁴⁾

(1) ORCID: 0000-0003-4518-5750; Professor Associado da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE); Garanhuns - PE, Brazil, e-mail: marcos.mattos@ufape.edu.br;

(2) ORCID: 0000-0002-2807-2829; Prof^a Dr^a da Universidade do Estado de Alagoas (UNEAL), Campus II – Santana do Ipanema-AL, Brazil, Email: claudia.cseko@uneal.edu.br;

(3) ORCID: 0000-0002-2012-3847; Doutorando em Geografia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB); João Pessoa, Paraíba; E-mail: a-bene2011@hotmail.com;

(4) ORCID: 0000-0003-0885-4038; Professora Associada da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE); Garanhuns - PE, Brazil; e-mail: lucilene.simoese@ufape.edu.br.

Todo o conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos seus autores.

Recebido em: 07 de dezembro de 2020; Aceito em: 23 de março de 2021; publicado em 31/05/2021. Copyright © Autor, 2021.

RESUMO: Com base na relação intrínseca entre o ser humano e o ambiente em que este está inserido, sobretudo a relação advinda das comunidades e populações ancestrais, este estudo buscou correlacionar as informações históricas antigas disponíveis que remontam entre os séculos XVII a XX, com informações biogeográficas, etnobiológicas e de tentativas de correlação históricas e toponímicas recentes (séculos XX e XXI), promovendo discussão acerca da potencial origem africana do termo “Quipapá”, a qual consideramos ser a mais apropriada.

PALAVRAS-CHAVE: Fitotopônimo, Zootopônimo, História ambiental.

ABSTRACT: Based on the intrinsic relationship between human beings and the environment where they live, especially the relationship arising from communities and ancestral populations, this paper aimed to correlate the available ancient historical information, which dates from the 17th to the 20th centuries, with biogeographic and ethnobiological information, as well as with recent historical and toponymic correlation attempts (dating from 20th and 21st centuries), therefore promoting discussion about the potential African origin of the term “Quipapá”, which has been regarded as the most appropriate.

KEYWORDS: Zootponymy, phytotponymy, Environmental history.

INTRODUÇÃO

As denominações geográficas, explicáveis e naturalíssimas numa época em que o tupi era a “língua geral” ou a mais falada no país são, agora, para as modernas gerações, verdadeiros enigmas que as alterações quotidianas ou as inevitáveis corruptelas vão tornando indecifráveis (SAMPAIO, 1987). A influência das línguas africanas certamente veio a trazer mais diversidade e enriquecimento mas, também, maiores questionamentos sobre as origens dos topônimos aportuguesados. Melo (1975) ressaltou a influência africana no português do Brasil o que produziu um “dialeto crioulo”, de tipo africano, “nagô” ou “quimbundo”, sendo que Pontes (1981) destacou que os índios e os tupi-descendentes também se influenciaram com o “dialeto crioulo” citado por Melo (1975) e os dois tipos linguísticos se fundiram e se confundiram em alguns lugares do território nacional. Assim, após centenas de anos, muitas dúvidas se surgiram e persistiram sobre a origem do nome das localidades, inclusive de topônimos municipais. Como exemplo, há muita controvérsia quanto à procedência do topônimo Quipapá atribuído a uma origem em palavra indígena, possivelmente do tronco tupi. No entanto, assim como tantos outros topônimos municipais, existe carência de informações fidedignas que oportunizem a real origem da palavra “Quipapá”. A toponímia desta localidade, que se tornou município no ano de 1900, vem sendo historicamente atribuída a uma planta cactácea, o Quipá (FONSECA, 2009), o que, atualmente, está sendo contestada por outros investigadores, sobretudo por questões históricas e biogeográficas. Os topônimos são unidades lexicais comuns que se atualizam a nomes próprios individuais ressignificados no ato de batismo de lugar (MELO, 2017). Assim, levando em consideração a intrínseca relação entre o ser humano e o ambiente no qual está inserido, sobretudo as comunidades e populações ancestrais, este estudo buscou efetuar uma breve correlação das informações históricas antigas disponíveis que remontam entre os séculos XVII à XX com as biogeográficas e de tentativas de correlação históricas e toponímicas recentes (séculos XX e XXI), promovendo discussão acerca da potencial origem africana do termo “Quipapá”.

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Como fontes, serviram como bases de consultas e argumentação: obras literárias, artigos científicos, teses, monografias, documentos históricos disponíveis em forma digitalizada em diferentes plataformas virtuais, assim como consultas físicas em acervos, versando sobre história, toponímia, linguística, geografia e zoologia. Também foram efetuadas consultas diretas a pessoas e estudiosos locais em Angola sobre essas mesmas informações. Esses dados compilados foram confrontados entre si gerando suposições de como o ato de nomeação do lugar geográfico poderia estar intrinsecamente ligado às transformações históricas, étnicas, culturais, geográficas e biológicas da realidade circundante. Foram confrontadas, também, as conhecidas explicações históricas com a distribuição geográfica de espécies vegetais e de populações humanas, bem como da relação destas informações com a potencial origem do topônimo “Quipapá”, município da região da Zona da Mata Sul do Estado de Pernambuco, também chamada de Mata Sul ou Mata Úmida Pernambucana.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas várias documentações levantadas as potenciais versões para o topônimo Quipapá derivam, sobretudo, de origem indígena e africana, havendo ainda argumentações que atribuídas como sendo folclóricas como a que Valença Júnior (1986) as nominou de “interpretações populares”. Sobre a origem indígena, mais especificamente da cactácea “Quipá, praticamente todas as citações são, diretas ou indiretamente, derivadas da interpretação e sugestão do eminente pesquisador Mario Melo (MELO, 1931) que significaria aumentativo (plural em Tupi) do termo "qui'pã", significado de ponta, estilete, espinho cravado atolado, introduzido. Para esse autor, a abundância desta cactácea deu origem à pluralidade no nome como “quipá-quipá”. Para alguns autores que reportaram Mário Melo, ao repetir o vocábulo para indicar mais de um, ou abundância, os indígenas diriam “quipá-quipá” que, com a supressão de uma sílaba, resultou a palavra Quipapá (FONSECA, 2009). De fato, não restam dúvidas de que os termos Quipá, Quipab ou Quip-pah, efetivamente, referem-se tanto ao espinho

quanto ao cacto, mas resta a dúvida de seu uso no plural para designar abundância, o que comumente seria efetuado por meio do sufixo “tiba” ou “tuba” (PONTES, 1981).

No entanto, afora os aspectos linguísticos, outros autores refutam essa origem indígena tupi. Valença Júnior (1986), criteriosamente, rejeita a explicação botânica de Mario Melo, argumentando que o Município de Quipapá se localiza em terras sem qualquer relação com as regiões onde ocorre o quipá que é uma espécie cactácea típica da Caatinga, não presente, portanto, na região da Zona da Mata. Mais especificamente, atualmente são consideradas duas espécies para a cactácea Quipá, sendo o Quipá rasteiro cientificamente nominado *Tacinga inamoena* (anteriormente *Opuntia inamoena*), enquanto o Quipá arbustivo é *T. palmadora*. Segundo SOARES et al. (2018), as espécies de *Tacinga* ocorrem preferencialmente em ambientes semiáridos nos domínios fitogeográficos de caatinga (savana estépica) e cerrado (savana) que são caracterizados por apresentar baixa precipitação, altas temperaturas e solos rasos e pedregosos. Quanto as espécies *T. inamoena* e *T. palmadora*, ambas pertencem à flora da região semiárida da Caatinga, ocorrendo geralmente sobre rochas, incluindo afloramentos rochosos (*inselbergs*) em Caatinga aberta e campos rupestres (TAYLOR et al., 2017).

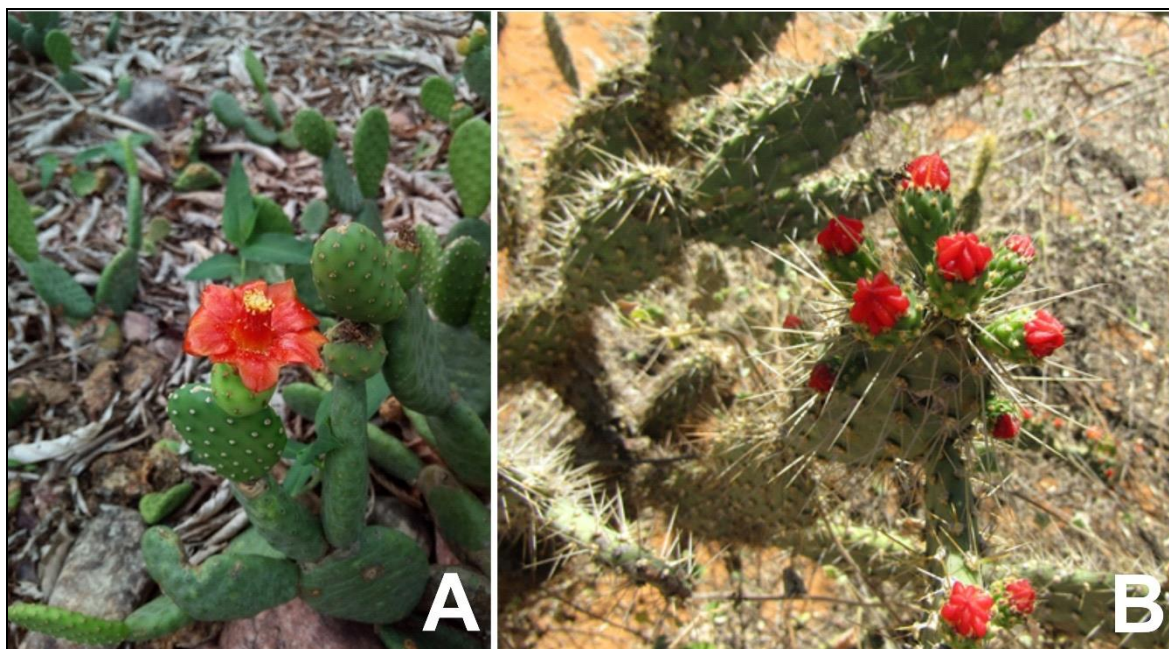


Figura 01. Espécies de cactácea Quipá registradas em Pernambuco. A) *Tacinga inamoena* (fonte: Dyego Abrantes - <https://www.inaturalist.org/photos/63470800>, capturada em 25/11/2020). B) *Tacinga palmadora* (fonte: Charles Avenengo - <https://www.inaturalist.org/photos/91594419>, capturada em 25/11/2020).

Essas duas espécies (Figura 01) também recebem outros nomes populares ao longo de sua área de distribuição como, por exemplo, Guibá, Guipá, Palmatória, Palmatória-miúda, Iviro, Gogóia, Palma-de-ovelha e Cumbeba para *T. inamoema* e, Palmatória, Palmatória-de-espinho, Palma-de-espinhos, Palma, Palminha, Quipá-de-espinho, Palmatória-de-quipá e Rabo de onça, para o *T. palmadora*.

O município de Quipapá, localizado à 8°49'40" (sul) e 36°00'42" (Oeste) está inserido na Zona da Mata Meridional do Estado de Pernambuco (Figura 02) e possui clima bastante diferente da região semiárida cuja predominância é de solos de alta profundidade, Latossolo e Argissolo (SOUSA, 2019) e, portanto, nem o solo e nem o clima são compatíveis com as cactáceas *T. palmadora* e *T. inamoena*. Desde sempre, não restam dúvidas de que a região da Zona da Mata Pernambucana era, originalmente, recoberta pela extensa vegetação de Mata Atlântica, sendo que, desde o tempo do Brasil Colônia, são reportadas as vastas florestas nativas nessa região que hoje abrange o citado município de Quipapá. No século XIX, ainda em plena expansão da produção agropecuária sobre a Mata Atlântica nordestina, os documentos imperiais relacionados à insurreição popular, denominada Guerra dos Cabanos, revela que essa região era recoberta por vastas e altas matas (ANDRADE, 1965; FREITAS, 1982) de difícil acesso e escuras em seu interior, corroborando com a impossibilidade de estabelecimento de espécies xerófitas como os quipás. Assim, nesta linha de pensamento, Assunção (2006) reporta que “por razões óbvias” a origem na cactácea quipá vem sendo questionada e é pouco referida atualmente como origem provável do topônimo municipal aqui em discussão.

Resta entender, então, por quais razões prevaleceu por longa data - e ainda se faz presente - a atribuição da suposta origem de nome tupi de uma cactácea para o referido município. Uma possível explicação é a do reflexo do movimento nacionalista que renomeou várias localidades no Brasil com nomes tupis ou da “língua geral”, sobretudo durante o século XX. Durante o Estado Novo, principalmente na década de 1940, mas não apenas nesse período, muitos municípios foram renomeados com nomes de origem indígena, assim como também se buscou agregar explicações aos nomes das localidades, algumas vezes bastante imperfeitas por diferentes razões. Sendo o Tupi considerado a língua indígena de maior destaque no Brasil, é muito comum tentar “traduzir”, ou até mesmo atribuir nomes desta língua aos acidentes geográficos e localidades, assim como

explicar com base nela, nomes indígenas pré-existentes. Cardoso (1961) denomina essa ânsia de muitos em querer “explicar com etimologias tupis todas as denominações indígenas” como “Tupimania Brasília”, o que talvez explique, ao menos em parte, a persistência na atribuição da origem a partir da cactácea Quipá.

Existem relatos também de índios de etnia "Quipapá", o que talvez explicasse uma origem tupi ao nome do município. No entanto, não foram encontradas menções a essa nação nos materiais clássicos sobre etnias indígenas, nem mesmo em documentos históricos que consultados, sendo encontrada, apenas, a citação sobre a suposta tribo Quipapá em Rosa (1998), sendo gerada a dúvida de serem mesmo "Quipapá" ou Pipipan" (SILVA, 2006), no caso uma possível interpretação ou corruptela da conhecida etnia/povo "Pipipan" como sendo “Quipapá”. Importante destacar que não foram encontrados registros dessa Etnia “Pipipan” habitando essa região do Estado de Pernambuco. Valendo, também, ressaltar que a presença de nomes originários do tupi-guarani em determinado espaço geográfico, nem sempre significa que ele foi ocupado por grupos dessa família, podendo, na verdade, essa interpretação levar a resultados absolutamente falsos (DRUMOND, 1965). Esse autor considera, sem relevar a grande importância do tupi e do guarani, que a maioria dos nomes geográficos que tem origem nessas línguas não foram de fato nomeadas pelos próprios indígenas, mas sim pelos brancos colonizadores, o que, segundo ele, continuou a ocorrer. Assim, parece claro que não se sustenta em fatos ou documentos robustos e significativos uma origem tupi à toponímia Quipapá, o que não desmerece, em absoluto, as sugestões do eminente historiador Mário Melo. Nessa linha, conforme Ribemboim (2016), com o recente avanço das tecnologias de informação que disponibilizam acervos inteiros de grandes bibliotecas, existe um ganho histórico ao permitir questionamentos, confirmações e reconstituições inéditas acerca do passado, devendo-se revisar muitas das interpretações dadas por grandes escritores à luz de novas evidências, sem que se diminua em nada o brilho de suas obras.

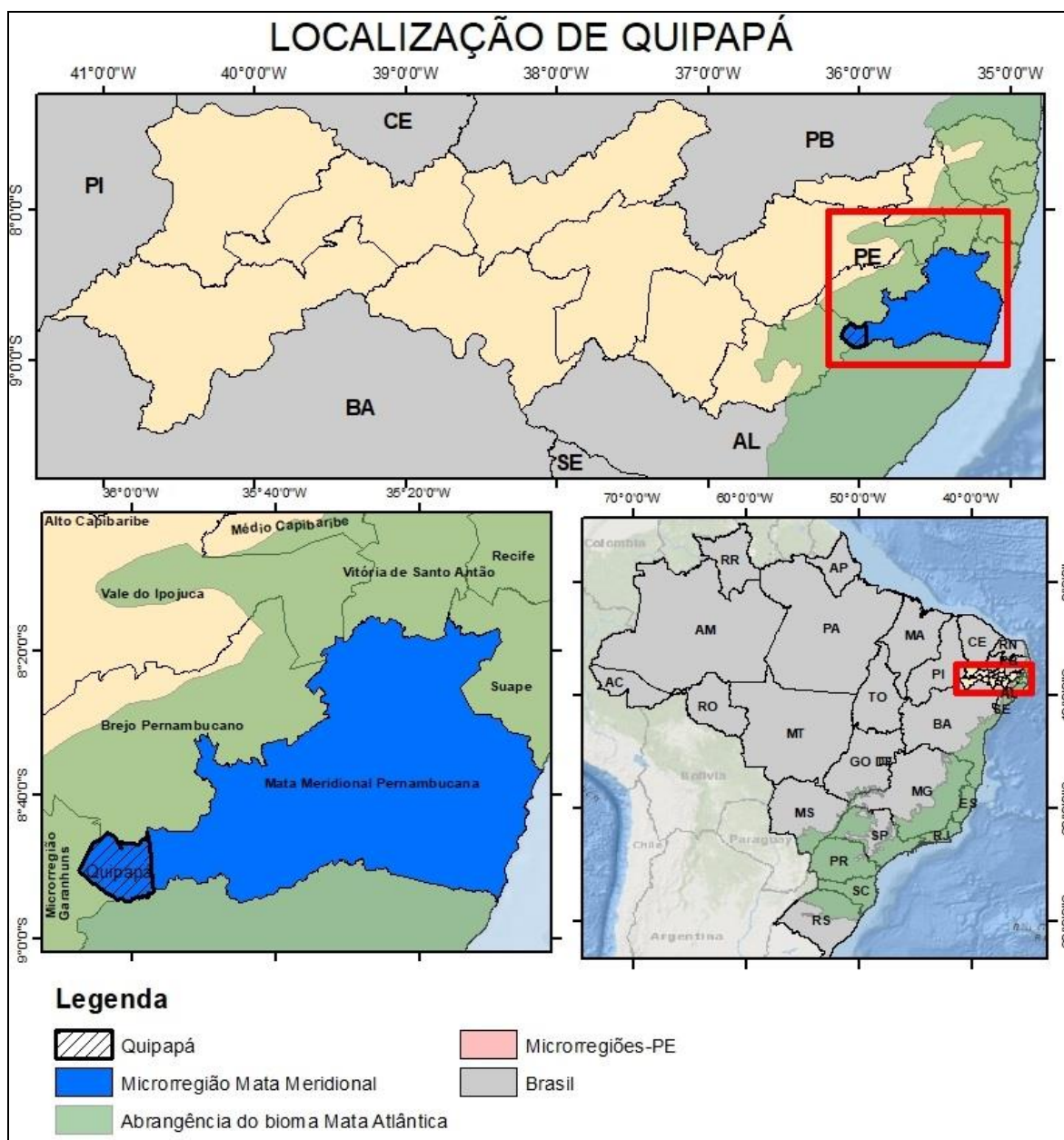


Figura 01. Mapa de localização do Município de Quipapá, Pernambuco, evidenciando a área de abrangência da Zona da Mata Meridional Pernambucana e a Abrangência legal do Bioma Mata Atlântica. Fonte: produzida pelos autores.

Por outro lado, se carecem bases sólidas para a origem tupi do termo Quipapá, existem diversos documentos que reportam que, desde o século XVII, existiam dezenas de quilombos distribuídos nas regiões do Agreste e Zona da Mata pernambucanas (ENNES, 1938), sendo que, ainda no século XVII, já se tinha conhecimento dos quilombos das "matas úmidas de Quipapá, do Cucaú e Sirinhaém" (LINDOSO, 2007).

Esses quilombos, originados da fuga de escravos africanos e nascidos no Brasil, podem ter exercido forte influência na nomenclatura de acidentes geográficos e demais elementos da paisagem da região, tendo em vista o longo tempo de suas permanências na região, destacando-se que, até o presente, ainda persistem dezenas de remanescentes de comunidades quilombolas em vários municípios no entorno de Quipapá.

Segundo Assunção (2006), Quipapá se localizava no domínio do Quilombo dos Palmares e era um “magnífico esconderijo e um excelente lugar de moradia para os fugitivos dos Palmares, por possuir caças fartas, alimentos nas matas, rios perenes e cheios de peixes, etc, além de sua topografia caracterizada por montes e vales”. É importante destacar que a quase totalidade dos africanos traficados para o Estado de Pernambuco que à época incluía também o território do estado vizinho de Alagoas, saiu de Angola e Congo (GOMES, 2019). Segundo esse autor, na época do Quilombo dos Palmares, a captura começava no interior do continente africano e, até o final do século XVII, a maioria dos angolanos vinha de regiões situadas a “dois meses” de caminhada do litoral. Corroborando com essa informação, Funari (1999) destaca que a maioria dos habitantes do complexo de mocambos que formava o Quilombo dos Palmares veio desta mesma região africana (atuais Angola e Congo), em particular de áreas de língua Bantu (FUNARI, 1999). Sebastião Galvão (GALVÃO, 1908) já considerou ser “Quipapá” palavra derivada do africanismo “quipacá” significando “asilo de fugitivos, refúgio, guarida ou couto de vagabundos”, “numa reminiscência da híbrida república que, por tantos anos, ali se manteve”, referindo-se ao Quilombo dos Palmares. Assim, é bastante plausível a possibilidade de que africanos falantes de línguas presentes no Congo e em Angola tenham nominado a localidade Quipapá, assim como a serra e o rio de mesmo nome na região. Nesse sentido, segundo Silva (2014), é muito comum na toponímia de uma pequena área que muitos acidentes humanos recebam a mesma designação de um rio que corta a região ou serem motivados por outros elementos da geografia física como serras, riachos, córregos etc., o que talvez explique a sobreposição dos nomes do rio, serra e do próprio município.

Para tanto, o termo Quipapá ou assemelhado teria que ser algo relevante para as populações que denominaram a localidade, já que normalmente as toponímias derivam de características locais marcantes e, para a região e época, a presença negra era marcante e evidente. Silva (2014) destaca que símbolos linguísticos surgem a partir da

necessidade, por exemplo, de se identificar algum referente do mundo físico como uma planta ou animal que os membros de uma comunidade devam algum interesse ou tenham determinada utilidade ou importância para eles (SILVA, 2014). Nesse sentido, no “Dicionário de quimbundo”, escrito em Angola entre 1941 e 1947 (ASSIS JÚNIOR, 1941), Kipáka significaria trincheira, barreira, tapume ou, com o acento agudo (Kipaká) seria o nome de uma antiga moeda de cobre, enquanto Kipa significaria sortilégio, escamoteação, magia, ou uma planta leguminosa (*Tetrapleura angolensis*) de propriedades narcóticas. Não foram localizados outros nomes populares para a árvore *Tetrapleura angolensis*, como citado por Assis Júnior (1941), porém Goemaere (1921) relata o nome “Kiaka” para a árvore *Tetrapleura Thonniugii* na atual República Democrática do Congo, enquanto Pendje (1993) reportou o nome “Kiaka” para a espécie *Tetrapleura tetraptera* e Adjanohoun et al. (1988) relataram, para a mesma árvore e país, tanto o nome “Kiaka”, como também “Eyaka” e “Chiacha”, utilizados nas pronúncias de diferentes povos locais. Conforme um antigo dicionário da língua africana Quicongo (Kikongo), até hoje falada por expressiva população na região africana que inclui Angola e Congo, várias são as palavras e significados para ki-mpampa (ou mpámpa, lu-hampa, lu-uámba), sendo o peixe da espécie *Marcusenius wilverthi*, o mais relatado, mas também podendo a palavra ki-mpampa ser sinônimo de “uámpa”, significando “árvore jovem”, bem como “formigueiro em forma de cogumelo”, uma “formiga preta”, ou um tipo de raiz utilizada como remédio/perfumaria. Já com acento agudo (ki-mpámpa) pode significar “milagre, bruxaria” (LAMMAN, 1891). Outra espécie de peixe também é relatada com termo parecido, no caso o “ki-mpata”, significando o peixe *Physailia villiersi*. Pode também “ki-mpata”, significar, em Kikongo, “bainha de espada”. Já em um dicionário brasileiro de termos em língua africana Banto (LOPES, 1995) são reveladas várias palavras similares à Quipapá com diferentes significados que podem, facilmente, ser atribuídos à localidade do município analisado, tais como Kipapa (parede), Quipá (forte, robusto), Quibabá (espécie de guisado), Quibaca (inflorescência de palmeiras) e Kinpata (um peixe). Na atualidade, os termos Kipapa, Kiyaka e kimpampa são utilizados para designar várias plantas do gênero *Monotes*, família Dipterocarpaceae, distribuídas amplamente na África Central (MEERTS et al., 2017).

Também são identificadas em mapas atuais, cidades e vilas na República Democrática do Congo com os nomes Kiwaka, Chicapa, Tshikapa e, em Angola, o rio

Chicapa e a cidade Quibala, sendo que, já em 1.785, nesses países africanos o termo “Quipapa” (sem acento), em língua portuguesa já era utilizado. Mais especificamente, consta o relatado por Thomas E. Bowdich, que transcreveu o roteiro que o explorador português Gregório Mendes efetuou em 1785 em Angola (BOWDICH, 1824; LIMA, 1844) no qual se lê: “Em 8 de setembro de 1.785, a expedição, composta por cerca de trinta europeus e mil nativos, marchou na direção sul sudeste para Quipapa...”, relatando ainda a presença, nessa localidade, de uma fonte sulfurosa. Posteriormente, no século XIX, mais especificamente em 1929, ao tratar sobre uma estrada de ferro africana (Caminho de ferro Kinshassa-Catanga - Caminhos de Ferro Baixo Congo), o termo “Quipapá” (com o acento agudo) ainda se referia à mesma localidade angolana/congolana conforme transcrito a seguir: “(...) passando pelo Mussolo, Quipapá, Minungo (no rio Cuango, perto da Catarata Ivens), Cacumbi (...) continuando na direção oeste até as minas” (COSTA DIAS, 1929). Além da denominação de objetos, plantas, animais e localidades, uma rápida pesquisa em redes sociais hodiernamente revela uma abundância de pessoas com sobrenome “Quipapá”, “Kipapá” ou similares em vários países africanos.

Segundo informações colhidas de um pesquisador colaborador em Angola¹¹, os colonos e exploradores portugueses tinham dificuldades de grafia e fala das línguas locais angolanas e congoleas, de forma que muitos termos presentes em seus escritos, em português, não necessariamente correspondem aos termos corretos nas línguas locais. Para o mesmo, o termo Quipapá presente em documentos portugueses, por razões geográficas e de fonética deve, em verdade, se referir a variações do termo “ki-mpampa” que possui vários significados diferentes, muitas vezes associados a um determinado peixe ou às terras próximas aos rios onde abundam esses animais aquáticos, o que é compatível com os dados dos dicionários anteriormente citados nesse documento, mais especificamente o de Lopes (1995) e Laman (1891). Esse mesmo colaborador angolano, buscando dados junto à população da região de Mussolo sobre o termo Ki-mpampa, bem como com a equipe do Museu Nacional da Escravatura (Luanda, Angola), obteve a relevante de que “Ki-mpapa” ou “Ki-mpampa” era o nome de um armazém português, localizado entre Mussulo e Kazanga, utilizado para manter escravos, antecedente ao

¹ Patrício Batsikama Mampuya Cipriano, professor da Universidade Agostinho Neto, Luanda, Angola.

embarque para as Américas em navios negreiros no século XVII, mais especificamente entre 1.689 e 1.742.

Diante de todo o exposto, restou evidente a comprovada existência e abundância do nome Quipapá e similares em Angola, com ampla possibilidade de significados, sobretudo associados a fauna e flora locais, mas não restritos a elas. Vários dos diferentes significados desta palavra podem ser considerados como compatíveis e adequados a nomear os quilombos existentes na região de Quipapá ao longo dos séculos XVII e XVIII, ao fazerem menção, por exemplo, à alimentos, à força ou robustez, à parede (são relatadas paliçadas ao redor dos quilombos antigos da região – ENNES, 1938), magia, peixe ou inflorescência de palmeiras, sendo esses dois últimos relatados como historicamente frequentes na região (ENNES, 1938; ASSUNÇÃO, 2006) que, sabidamente, abrigava quilombos ainda no século XVII, nas "matas úmidas de Quipapá, do Cucaú e Sirinhaém" (LINDOSO, 2007).

Além do termo Quipapá, persistem nomes de origem africana a localidades até hoje na região deste município e em municípios próximos, porém mais interioranos, como, por exemplo, Garanhuns, Capoeiras, Caetés e Buíque. Dentre esses termos podemos destacar alguns que, comumente são atribuídos a uma origem tupi mas que, muito provavelmente, são de origem africana, como Catimbau (Catembáo), Caluete, Magano, Columinho/Columim, Cafundó, Quizanga, Catolé, Caxingó, dentre outros. Também é possível aventar a possibilidade da atual região denominada de "Serra das Vacas", seja em verdade a região reportada no século XVII como Serra das Hacas e associada ao final da área de extensão dos quilombos associados ao Quilombo dos Palmares (ENNES, 1938). Sobre essa última localidade (Hacas/Vacas), lançamos aqui a suposição de que se trate de uma denominação na língua nacional angolana Kimbundo para a planta *Dicoma anomala*, popularmente chamada de "Haka" e com alguma semelhança morfológica com plantas presentes na Caatinga e Agreste da mesma família, como, por exemplo, a *Centratherum punctatum*, merecendo maiores estudos.

CONCLUSÃO

Se há dúvidas sobre a validade da atribuição de língua tupi ao topônimo Quipapá, abunda o uso desse termo ou assemelhados na África ocidental, sobretudo em Angola e Congo, região de onde derivou a expressiva maioria dos escravos traficados para Pernambuco, sendo essa, portanto, a mais provável origem do nome do município, sobretudo da região ter sido ocupada por quilombos associados ao Quilombo dos Palmares. Assim, considerar a possibilidade desse topônimo ser, provavelmente, relacionado à presença africana na região é lógico e digno de maiores estudos. Por outro lado, deliberadamente negar crédito à origem quilombola, sem maiores avaliações é negar e desvalorizar a importância da história das populações ancestrais que na região habitaram, lutaram e resistiram aos invasores europeus, ao escravismo e subjugação e, por conseguinte, perpetuar essa desvalorização.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos às valorosas colaborações do antropólogo, historiador e professor Patrício Batsikama Mampuya Cipriano, da Universidade Agostinho Neto, em Luanda, que efetuou buscas documentais em arquivos e também inquéritos em diferentes localidades para auxiliar na busca de informações para esse artigo. Somos gratos também a José João Tchamba, mestre em Biologia da Conservação e botânico do Herbário do Lubango Instituto Superior de Ciências de Educação da Huíla, Angola, pelas informações botânicas locais.

REFERÊNCIAS

1. ADJANOHOUN, E.J.; AHYI, A.M.R; AKÉ ASSI, L.; BANIAKINA, J.; CHIBON, P.; CUSSET, G.; DOULOU, V.; ENZANZA, A.; EYMÉ, J.; GOUDOTÉ, E.; KEITA, A.; MBEMBA, C.; MOLLET, J.; MOUTSAMBOTÉ, J.M.; MPATI, J.; SITA, P. Contribution aux Études Ethnobotaniques et Floristiques en

- République Populaire du Congo. Médecine Traditionnelle et Pharmacopée. Paris: Agence de Coopération Culturelle et Technique, 1988.
2. ANDRADE, M.C. *A Guerra dos Cabanos*. Rio de Janeiro: Editora Conquista, 1965.
 3. ASSIS JÚNIOR, A. *Dicionário Kimbundu-Português Linguístico, Botânico, Histórico e Corográfico seguido de um índice alfabético dos nomes próprios*. Luanda: Argente, Santos & C., 1941.
 4. ASSUNÇÃO, Z. *Quipapá dos Meus Tempos: a História de Quipapá sob a ótica de uma educadora*. Recife: Gráfica A Pontual, 2006.
 5. BOWDICH, T.E. *An account of the discoveries of the portuguese in the interior of Angola and Mozambique. From original manuscripts by Thomas E. Bowdich*. Londres: John Booth, 1824.
 6. CARDOSO, A.L. *Toponímica Brasília*. Rio de Janeiro: Editora da Biblioteca do Exército, 1961.
 7. COSTA DIAS, M. Vias de comunicação e portos de Angola. *Boletim Geral das Colônias*, volume 47, páginas 196-241. 1929. Disponível em: <http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/BGC/BGC-N047&p=208>. Acesso em: 07 jul. 2020.
 8. DRUMOND, C. *Contribuição do bororo à toponímia brasileira*. Tese - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo/Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, 1965.
 9. ROSA, H.L. *Serra Negra: refúgio dos últimos "bárbaros" do Sertão de Pernambuco*. Monografia. Departamento de História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1998.
 10. ENNES, E. *As Guerras nos Palmares (subsídios para a sua história): Domingos Jorge Velho e a "Troia Negra" 1687-1700*. Rio de Janeiro: Biblioteca Pedagógica Brasileira-Companhia Editora Nacional, 1938.
 11. ESRI, Environmental Systems Research Institute. *Basemap*. Disponível em: http://server.arcgisonline.com/arcgis/rest/services/NatGeo_World_Map. Acesso em: 20 out. 2020.
 12. FONSECA, H. *Pernambucânia: o que há nos nomes das nossas cidades*. Recife: CEPE, 2009.
 13. FREITAS, D. *Cabanos: os Guerrilheiros do Imperador*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1982.
 14. FUNARI, P.P.A. Etnicidad, identidad y cultura material: un estudio del Cimarrón Palmares, Brasil, siglo XVII, In: Andrés Zarankin & Felix A. Acuto (Org.). *Sed non satiata: Teoria Social en la Arqueología latinoamericana contemporánea*. Buenos Aires: Ediciones del Trindade, p.77-96, 1999.
 15. GALVÃO, S.V. *Diccionario Chorographico Historico e Estatistico de Pernambuco*. Rio de Janeiro: Editora Imprensa Nacional, 1908.

16. GOEMAERE, J. Congo: Revue générale de la Colonie belge. Bulletin de la Société belge d'études coloniales. Bruxelas: Société Belge D'études Coloniales, 1921.
17. GOMES, L. *Escravidão: do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares*. Rio de Janeiro: Editora Globo Livros, 2019.
18. IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Mapeamento Sistemático*. Disponível em: <https://portaldemapas.ibge.gov.br/>. Acesso em: 20 out. 2020.
19. LAMAN, K.E. *Dictionnaire Kikongo-Français: avec une étude phonétique décrivant les dialectes le plus importants de la langue dite Kikongo*. Bruxelas: Inst. Royal Colonial Belge, 1891.
20. LIMA, J. L. *Ensaio sobre a Statistica das Possessões Portuguezas na Africa Occidental e Oriental; na Asia Occidental; China e na Oceania: Escriptos de Ordem do Governo de Sua Magestade Fidelíssima a Senhora D. Maria II*. Lisboa, 1844.
21. LINDOSO, D. *O poder quilombola: a comunidade mocambeira e a organização social quilombola*. Maceió: EDUFAL, 2007.
22. LOPES, N. *Dicionário banto do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa da Cidade, 1995.
23. MEERTS, P.; ROUGELOT, Q.; SOSEF, M. Revision of the genus *Monotes* (*Dipterocarpaceae*) in D.R. Congo, with implications for Angola and its distinction from Marquesia. *Phytotaxa*, volume 308, número 02, 2017.
24. MELO, G.C. *A Língua do Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1975.
25. MELO, M. *Toponymia pernambucana*. Recife: Imprensa Oficial, 1931.
26. MELO, P.A.G. Léxico toponímico: alguns pontos de intersecções linguístico-culturais na toponímia municipal alagoana. *Entrepalavras*, volume 07, páginas 123-140, jan./jun, 2017.
27. PENDJE, G. Le rôle de la faune forestière dans la régénération naturelle de quelques essences de bois D'œuvre. Cas de la Réserve de Biosphère de Luki (Mayombe Zairois). In: Kabala Matuka David, Maldague Michel, Mankoto Ma Mbaelele, Le Berre Michel (Org.) *La Forêt Tropicale Africaine. Patrimoine à préserver d'urgence*. 1993. Paris: Organização das Nações Unidas pela Educação, Ciência e Cultura, p. 257-268, 1993.
28. PONTES, S.P. *Noções da Gramática Tupi. Vocabulários de verbos, nomes e corruptelas tupis e guaranis*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1981.
29. SAMPAIO, T. *O Tupi na Geografia Nacional*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.
30. SILVA, E. Índios organizados, mobilizados e atuantes: história indígena em Pernambuco nos documentos do Arquivo Público. *Revista de Estudos e Pesquisas FUNAI*, volume 03, números 1 e 2, páginas 175-224, jul./dez, 2006.
31. SILVA, S.C. *Toponímia Afro-indígena do Vale do Ipojuca*. Dissertação - Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.
32. SOARES, L.F.; MENEZES, M.O.T.; LOIOLA, M.I.B. Levantamento, mapeamento e conservação de espécies de *Tacinga britton* & *rose* (cactaceae) no

Ceará. *Revista Encontros Universitários da UFC*, volume 03, página 2366, 2018.

Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/eu/issue/view/734>. Acessado em: 24 nov. 2020.

33. SOUSA, S.G.; SANTOS, L.F.L.; SILVA, V.T. ARRUDA, I.R.P. LISTO, D.G.S. Análise geomorfológica do município de Quipapá - Zona da Mata de Pernambuco. *Revista Equador*, volume 08, número 02, páginas 436–448, 2019.
34. TAYLOR, N. P. ZAPPI, D., MACHADO, M., BRAUN, P. *Tacinga palmadora/Tacinga inamoena*. *The IUCN Red List of Threatened Species*. The International Union for Conservation of Nature - IUCN. 2017. Disponível em: <www.iucnredlist.org>. Acesso em: 10/07/2020.
35. VALENÇA JÚNIOR., J. V. *Quipapá – Fases e Aspectos de sua História*. Recife: FIAM/CEHM, 1986.